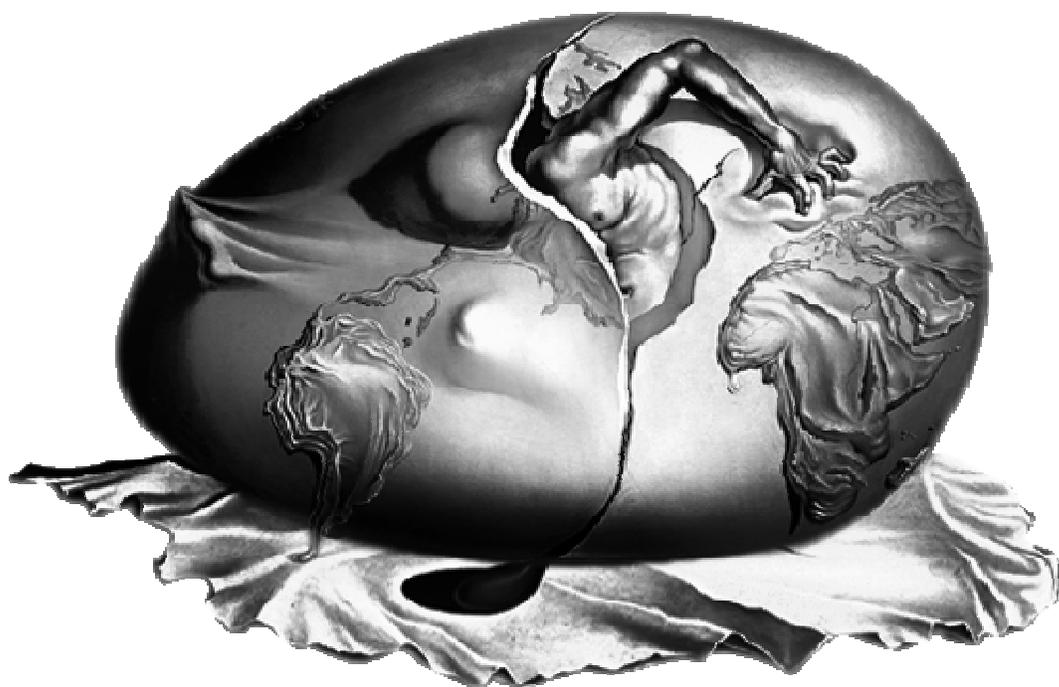


BOLETIM *PRESENÇA*

ANO II, nº 04, 1995



UNIR

A MULHER NO CANGAÇO

ALBERTO FREDERICO LINS*

Resumo

O desbravador inculto, agreste, topa a primeira índia preada, escondida no fundo da palhoça, a morenidade capitosa a brilhar de suor, o olhar medroso seguindo-lhe os movimentos. Aproxima-se-lhe. A medo, afaga-lhe a cabeleira retinta, de fios grossos, ásperos; a nuca forte e os ombros roliços e palpitantes. Repentinamente, despindo-se do derradeiro vestígio civilizado, urrando quase, atira-se à mulher, cavando nela a frustração incompreendida de anos de abstinência forçada; a fome antiga da carne morna entresonhada à luz das fogueiras. E o mais notável e significativo na formação de nosso povo; da meta-raça brasílica do pensamento sociológico de Gilberto Freire, é que essa mulher indígena vai aceitá-lo tal como é, amá-lo e dar-lhe filhos.

Palavras-Chave: Mulher e Frustração.

Abstract

The desbravador uncultured, rural, meets the first Indian preada, hidden in the bottom of the thatched hut, the morenidade capitosa to shine of perspiration, the fearsome glance following him/her the movements. Approximate-if-him. To fear, it caresses him/her the hair retinta, of threads thick, rough; the strong nape and the shoulders roliços and beating. Suddenly, undressing of the last civilized vestige, urrando almost, throws her to the woman, digging in her the misunderstood frustração of years of forced abstinence; the old hunger of the meat lukewarm entresonhada to the light of the bonfires. And the more notable and significant in the formation of our people; of the goal-race brasílica of Gilberto Freire's sociological thought, it is that that indigenous woman will accept him/it just as you/he/she is, to love him and to give him/her children.

Words-key: Woman and Frustração.

Quando o Brasil começou a ser povoado, os pioneiros, solitários, sentiram-se desestimulados para o combate desigual com a natureza. Ao frio, ao cansaço, à insônia persistente e ao medo-à-toa antepunham, somente, a coragem e a ganância. Pensavam enriquecer rapidamente e rapidamente voltar ao Reino, aos vales e serranias minhotas e transmontanias, para gastar com as maiatas d'aldeia o parco quinhão de sacrifícios. Mas ao chegar no sertão bravo das Gerais e do São Francisco, conheciam, então, toda a magnitude da sua desolação e abandono. A vaqueiragem da Casa da Torre, a olhar os horizontes sem fim, colmados de arvoredos verdejantes, recuava, sem ânimo de enfrentá-los sozinhos, mergulhando mais e mais naquelas terras misteriosas e intermináveis. Aboiavam as reses, cobertos de *poira*; a pele, curtida pelo soalheiro e rasgada nos espinhais eriçados; o olhar incendiado a procurar o pouso, a doce amenidade dos ranchos e dos juazeiros solitários. Mas, sempre sozinhos, derivavam na conversa a angústia que sentiam, na distração do jogo, e, por vezes, nalguma briga feroz, a saudade martirizante de anseios que não sabiam bem o que fosse. Uma tortura indefinível norteava-lhes as almas rudes, fazendo-os cismar, como se o "cafard" dos varões africanos os ensandecesse, obcecasse e tornasse dementes. E esse tormento do homem ignorante era mais perigoso e terrível do que o tédio do homem culto. Este distrai-se amiúde, mas o grosseiro não, maginando por dá cá uma palha, num motum contínuo avassalador.

Certo dia, então, desbravador inculto, agreste, topa a primeira índia preada, escondida no fundo da palhoça, a morenidade capitosa a brilhar de suor, o olhar medroso seguindo-lhe os movimentos. Aproxima-se-lhe. A medo, afaga-lhe a cabeleira retinta, de fios grossos, ásperos; a nuca forte e os ombros roliços e palpantes. Repentinamente, despindo-se do derradeiro vestígio civilizado, urrando quase, atira-se à mulher, cavando nela a frustração incompreendida de anos de abstinência forçada; a fome antiga da carne morna entresonhada à luz das fogueiras. E o mais notável e significativo na formação de nosso povo; da meta-raça brasílica do pensamento sociológico de Gilberto Freire, é que essa mulher indígena vai aceitá-lo tal como é, amá-lo e dar-lhe filhos. Esquentá-los nas friorentas noites do sertão. Alimentar-lhe a fome devoradora, preparando-lhe os melhores pratos da pobre cozinha regional. E traí-lo também, quando o tempo passar demasiado e a distância esfriar-lhe o

ardor saudoso. Então essa mulher brasileira trairá mais do que as irmãs civilizadas, num primitivo regabofe de desejos refreios. A índia tupi, que sedimenta na descendência as mulheres do sertão, na sua natureza livre, despejada de preconceitos igualitários impossíveis, deleita-se com outros homens, rudimentar, natural, simples, despida dos ensinamentos religiosos coercitivos da mulher trabalhada pelo progresso e hipocrisias culturais, que a sujeitam, revoltando-a. Muita vez, tombava sob o punhal de caça do bandeirante, que o ciúme daquela carne fremente cegava ao ponto de torná-lo assassino por ela. Essa criatura natural vencia pela submissão e o sensualismo. Maria do Espírito Santo Arcoverde prendeu Jerônimo de Albuquerque menos pelo dever de fidalgo do que pela vida solta no interior do lar. João Ramalho foi outro que sentiu a força animal dessa fraqueza morena, que enlçava o mais rebelde, conquistava o mais corajoso e vencia o mais indiferente dos homens. Sertanistas, bandeirantes, colonos, aventureiros, todos tinham nas índias o seu repouso, a tranquila escora das lides e conquistas. Uma mulher, na solidão do planalto central e nas vastidões amazônicas valia o tesouro dos Incas. Era o produto mais caro da colônia. E assim, valorizada e preferida, veio até o começo deste século, mãe geratriz da raça, caldeada na dor e no sofrimento, de que somos os herdeiros.

E se os homens incultos, desataviados e singelos do interior procuravam nas índias as companheiras para o trabalho constante e o prazer raro, nas salas buscavam as negras, e, nos engenhos próximos da capital, começavam a surgir os primeiros rebentos daqueles que seriam a ponte de ligação entre as três raças constitutivas de nosso povo. E para o sertão distante foram esses mestiços e cafusos que levaram, tangendo as suas boiadas, as avós dessas mulheres fortes, trágicas, realistas, que deram ao mundo sertanejo o seu "status" de guerra permanente, de dignidade absoluta e de coragem sem par. Foram essas criaturas, nascidas do sofrimento e da humilhação; essas netas da senzala e da ocara, que geraram os homens que transformaram a tragédia sertaneja numa saga de glória, de coragem, de despreendimento, hoje de reconhecimento universal. No canto de dor que, atravessando nossas fronteiras no romance, no conto, no teatro e no filme, impressiona a sociologia contemporânea. Todo o drama de nossa gente aí foi interpretado por essas mulheres admiráveis, mães e amantes, sem a falsa independência com que, no

litoral, frustram-se os desejos de suas irmãs de sina. Canudos na magnitude do drama brutal, foi, em resumo simplista que o "brasilianista" não entende, o fruto do amor clandestino de uma mulher. O Conselheiro é produto de desgosto íntimo. E, em virtude disto, a nossa Tróia de barro ensanguentou quatro anos de História do país.

E no cangaço foram elas sem igual. Quando o cinema de Lima Barreto e Gláuber Rocha fixou-se na história dinâmica da luta social no Nordeste, no interior do Brasil, esqueceu de fazer crescer a figura da mulher do cangaceiro, preferindo mostrar os homens em ação nos recontros ferozes, sem salientar aquela que, muitas vezes, remuniciava o seu fuzil, enchia-lhe o cantil e morriah-lhe nos braços. E, na mesma maneira que o cinema, a maioria dos escritores e tetrólogos que se debruçaram sobre as tragédias dos sertões. Parecia que somente os homens haviam imortalizado a legenda guerrilheira, nos plainos e chapadões requeimados pelo sol e angústia sem lenitivo. Parecia que só lutavam e morriam os homens injustiçados e ensandecidos pelo ódio à lei, a morderem o pó na blasfêmia derradeira. Esqueciam, os romancistas do cangaço, que o rebelde só ia para a caatinga matar e ser morto, porque sofrera a injustiça do mais forte da pessoa da filha, da noiva, da mulher, da amante. Raríssimamente ia por outro motivo. Ângelo Roque, procurando o juiz de direito para reclamar do defloramento de sua irmã menor por um soldado, teve como resposta que procurasse uma irmã do militar e fizesse o mesmo. Horas mais tarde, tocando o soldado e matando-o, o rapazinho Ângelo Roque transformava-se no cangaceiro Labareda, dos mais terríveis da saga do cangaço.

A mulher, quer como amante, quer como esposa, sempre foi uma constante na vida do cangaceiro nos anos derradeiros. Passar-se-ia sem tudo, menos sem a esperança de, no primeiro pouso seguro, acasalar-se, encostar-se, aquecer-se à mulher fiel, recompensando-se das misérias, das fomes, das andanças e das sedes terríveis. E esta criatura, morena, magra, curtida no dia a dia de necessidades sem fim; desvestida das belezas e atavios e enfeites e perfumes de suas irmãs do agreste e do litoral, servia-lhes ao amor brutal e ruidoso, com carinho e ternura retribuindo-lhes os afagos grosseiros, os gemidos altos e sufocando-lhes os anseios e frustrações entre os braços fortes e as cabeleiras fartas. Em mais de uma noite de frio intenso; o frio cortante e

gélido do sertão; o frio que corre entre os macambirais dentro do vento que fustiga a própria alma; o frio que enregela e brune a pele, ressecando-a, doloroso e persistente; em mais de uma noite, repito, o cangaceiro encostou-se à mulher amada, que lhe servia de cobertor, abraçando-o e protegendo-lhe a carne palpitante. Mergulhão e Jararaca, que enfrentavam a punhal grupos inteiros de soldados, achegavam-se a essas mulheres maternais, a ferocidade do homem injustiçado aquietada pelo desejo de segurança e o medo misterioso da criança que foi.

Mulheres indomáveis, também, morriam pelos seus homens. Nenem, amante de Luiz Pedro, tombou qual heroína homérica, às margens do São Francisco. Por amor de Inacinha, o cangaceiro Gato, dos mais valentes do sertão, caiu varado de balas defronte da cadeia de Piranhas, tentando salvá-la. A morte pagava-lhe o preço de seu grande amor. Era o tributo de sangue pelas noites que passara nos braços mornos da mulher amada, enrodilhado e aquecido no seu torso arrebatador, Áurea, companheira do cangaceiro Moreno, atravessando-se-lhe à frente, na hora do combate, foi abatida, cobrindo com o seu o corpo do homem querido. Enlouquecido de dor, Moreno ergueu-se sobre o cadáver da mulher estremecida, ainda a palpar, enfrentando no peito a tropa, espantada diante daquele leviatã de ódio e ferocidade, um só homem contra trinta. Animal enfurecido, pagou a sua coragem e amor rojando o pó, escabujante, a espalhar sangue e vísceras por todos os lados, ainda pressionando o gatilho do rifle cruzeta já inútil. Morreu porque, afinal, sem Áurea, pouco lhe importava a vida. Enedina, em coragem sem par, fuzilada na ravina de Angicos, de onde não saiu porque não quis, aí ficou a cuidar dos companheiros que iam sendo feridos, exemplo do fatalismo intrínseco das damas do sertão. Enquanto o amante, José Julião, ganhava o carrascal protetor, julgando que ela o seguia, permaneceu Enedina no matadouro armado pelo sargento Bezerra, auxiliando a morrer, no instante supremo, os homens do cangaço. Representava ali, herdeira daquelas criaturas pioneiras de sangue índio e negro, que, da Colônia à República, haviam ajudado os seus homens na conquista efetiva do País, ali mesmo na hora em que, melancólica e traiçoeiramente, encerrava-se o ciclo do cangaço no Brasil. E encerrava-se, em última análise, por tê-las adotado no leito dos

acampamentos. Essa mulher amante e servil, corajosa e voraz, desvirilizou a saga cangaceira pelo cuidado que despertou no coração do combatente.

Entre elas, se havia disputa, não existia traição. Em raras ocasiões foi isto constatado na história íntima do cangaço. Maria Déia, mulher legítima do sapateiro José, quando passou a se chamar Maria Bonita, jamais traiu o amante violento e cruel, mas que tinha para com ela ternuras de Romeu, suportando-lhe o gênio feminido nem sempre calmo e os ciúmes de mulher nervosa. Lampião, em que pese a atração pelas raparigas fáceis das vilas, depois que se juntou à Maria Bonita, não procurou outra. Relutante no começo, pois não queria levar à sua tragédia pessoal um ser delicado e jovem, já no fim da vida não podia passar sem ela, procurando-a nos acampamentos pelas menores futilidades. E com ela se foi em Angicos, na traiçoeira arapuca montada pelo medo policial.

Dedicada ao seu homem; despida das veleidades libertárias e ridículas de suas irmãs cidadinas, a ele tudo entregou, até a própria vida. Respeitada, não só pelos homens do bando, como pelas mulheres, Maria Bonita atravessou, livre de críticas, toda a pequena epopéia trágica da guerrilha sertaneja. Seu caráter sisudo e maneiras gentis cativaram-lhe o amor daqueles bravos, que nela viam, antes da mulher do chefe temido, a companheira leal das horas difíceis.

Quando grávida, e assim estava quatro ou cinco vezes, comportou-se dignamente, não transferindo para as fugas e lutas do grupo as dores dos problemas físicos e pessoais. Sofria calada, e, se gemia dentro das barracas e casebres ocasionais, fazia-o mordendo os punhos para que seu homem não ouvisse e padecesse mais. Igual a ela, as outras heroínas do bando. E mais: sabendo que na existência crudelíssima e desesperada que levavam, não poderiam sequer amamentar os filhos, que seriam entregues, nos primeiros dias de nascido, à caridade mercenária de padres e comadres sertanejos. Assim foi com Corisco, assim seria com Lampião.

Maria Bonita, na história do cangaço, representa o tipo acabado das mulheres que fizeram a grandeza silenciosa da sangrenta penetração do interior brasileiro. Sem o romanticismo emprestado por José de Alencar, assim mesmo faziam-se amadas, centro e circunferência de lances de grande emotividade. Naquela fotografia impressionante, que foi estampada numa das

edições d'OS SERTÕES, de Euclides da Cunha, sobre Canudos, vêm-se, acocoradas, as viragos que auxiliaram, na epopéia de barro e terços, ladaínhas e maldições, os combatentes do Bom Jesus Conselheiro. Naquelas faces escaveiradas e secas, tostadas e como que lavradas a buril, lê-se a dor sem retoques, a imensa e antiga dor da mulher do sertão. E centralizavam, sim, o trabalho e o amor dos seus homens. E tanto assim era que, à luz das fogueiras, medrosos, trabalhadores de cabeça de linhas férreas e almocreves tangerinos contavam o caso de Lídia, a bela Lídia, a indomável Lídia, o mais famoso de quantos, nos anais do cangaço, permaneceram exemplarmente para sempre. É a história de uma traição amorosa. A narrativa da mais crua das tragédias passionais do cangaço.

Lídia, sestrosa, morena, bem feita de corpo, os peitos firmes ensombrecendo o tecido leve das blusas abertas; o olhar vido ferindo a gente; a ginga dos quadris excitando os mais desconfiados, era amante do negro Zé Baiano, cujo costume, quando prendia mulheres de cabelos curtos, consistia em ferrá-las com suas iniciais nos seios ou na face. Bestial, completa e absolutamente um bruto, Zé Baiano enredou-se com a moça, que, além do mais, sabia amar como nenhuma outra do bando. Com exceção de Lampião e Corisco, todos os outros já haviam olhado, sedentos, aquela fonte de perene água cristalina do prazer. Assim foi com o Bem-Te-Viu, que, arrostando tudo, tornou-se seu amante secreto e eventual, às escondidas pelos matos, à beira do Velho Chico, onde desse e a vigilância de Zé Baiano afrouxasse. Certa tarde, porém, o par amoroso foi visto por pelo cabra Besouro, molecote acobreado, que tentara seduzir Lídia e não conseguira. Conhecedor do segredo, tentou chantageá-la. Fez propostas à mulher, que recusou. Então, à noite, quando todos estavam reunidos ao pé do fogo, Besouro provocou Lídia. Presentes estavam os maiores do cangaço, inclusive Lampião, Corisco, Luiz Pedro, Moreno, Virgínio e Labareda. Corajosa, afoita, no atrevimento suicida das mulheres bonitas, Lídia repeliu o traidor frustrado exclamando: "estive com ele, sim! Que tem isso? O que é meu eu dou a quem quero!"

O jovem cangaceiro Bem-Te-Viu, de um salto, ganhou a caatinga, sumindo-se na escuridão até hoje. Nunca mais se ouviu falar dele. Lampião, sereno, executor real de uma justiça que pode ser discutível pelo jurista mas não o é pelo escritor, num gesto rápido, com pequena foice, abriu a cabeça do

delator em dois pedaços. O corpo de Besouro, como que fulminado por um raio, caiu para trás, espadanando sangue e miolos. Voltando-se, então, para Zé Baiano, que estava lívido e sem ação, disse o chefe impassível: "Homem, a mulher é sua. Faça com ela o que quiser. Minha parte eu já fiz". E deu-lhe as costas, chamando Maria Bonita.

Levantando-se diante da passividade geral, Zé Baiano agarrou Lídia por um braço, arrastou-a até uma árvore grossa, onde a amarrou. Armandose de grosso cacete, começou a bater. Os gritos da mulher massacrada foram se transformando em urros, estes em estertores, até que, daquela massa disforme e ensanguentada de carnes palpitantes, quase três horas depois, não se ouvisse um gemido sequer.

Cansado, molhado de suor; o olhar vítreo sem nada enxergar; olheiras fundas marcando-lhe a exaustão total; sozinho, pois toda a tropa, horrorizada, afastara-se o máximo possível do acampamento, o negro feroz continuava a bater no cadáver irreconhecível da mulher amada, já sem forças, levado pelo amor e o desespero.

Foi, este, um dos raros casos de traição no cangaço.

Esquecidas pelos que escreveram sobre essa odisséia cabocla, a mulher sertaneja pouca ou quase nenhuma atenção chamou, mergulhada sempre numa penumbra de completa e total indiferença. Quem sabe, hoje, o nome de uma amante de Né Pereira, de Jesuíno Brillhante, de Antonio Silvino? Quem sabe quem foi a coiteira corajosa que escondeu Virgulino ferido, quando a bala certa estilhaçou-lhe o calcanhar? Mas elas existiram, essas marias, joanas, severinas e antonias, inspiradoras de atos que foram, na canção do cangaço, suas estrofes mais fortes, e na gesta guerrilheira, as páginas mais tocantes. Tanto usava a colher de pau, para preparar o cuscuz de seu homem, como a enxada, para lavrar-lhe o ressecado campo maninho, e o rifle cruzeta para segui-lo na aventura da vingança. Na rede de pipiri; no chão dos ranchos e na asperidade dos grotais protetores, amava ruidosamente o amante, satisfazendo-o do único modo que sabia e que uma existência crua lhe deixara. Apoio forte na hora da dor, ajudava-o a morrer, agarrando-lhe a mão crispada pelo sofrimento; enxugando-lhe o suor da testa lívida; murmurando-lhe consolações derradeiras e rezando-lhe pela alma pecadora. Passando o fragor do combate; amainada a persiga policial, ia juntar-se ao seu senhor no

momento supremo. E os olhos já sem vida do cangaceiro malferido; a enevoarem-se pela morte próxima, procuravam ainda fixar-se na companheira, que o ajudava a morrer, morrendo um pouco também. E, raramente, depois que perdia o seu homem, essa sertaneja voltava a querer outro. Parecia que, com ele, se fora o estímulo e o calor da vida. Quando maltratada por ele, em alguns casos, procurava outro, mas sem que nisso fosse interesse, se não o desejo bem humano de servir. Mesmo porque, quando deixavam o bando, custavam a ser aceitas de volta nas pacatas comunidades beatas, onde as irmãs de sexo, embora iguais em tudo, temiam as pregações morais dos missionários capuchinhos. Solitárias, então; envelheciam na recordação do que foram, a rememorar as grandes estradas, as noites inquietas e as dores sem fim do cangaço.

Quando engravidavam, o que era comum pela intensa vida sexual que levavam, pois o homossexualismo, quer masculino, quer feminino, era desconhecido desses esgalgados e secos leptossomáticos, o problema tornava-se mais terrível, toda a sua miséria exposta à luz do dia. Começava a cansar, preocupando o companheiro. Já no quinto ou sexto mês, era deixada em algum rancho amigo, onde passava a viver costurando paninhos ordinários e ajudando no trato doméstico. Ao aproximar-se a data, o cangaceiro, se estivesse perto, -e ele sempre dava um jeito para estar- vinha assistí-la, depois do parto levando o filho para ser criado por outrem. Constituía, isto, a parte mais dolorosa da imensa tragédia pessoal da mulher no cangaço. Moralmente mais bem formada que o homem, que é um egoísta nato, padecia a tortura suprema de dar o seu filho, entregá-lo ao estranho que lhe protegeria a existência marcada. Assim foi com Dadá, mulher de Corisco, assim foi com Maria Bonita, mulher de Lampião. Era o fado, a sina, o destino de todas elas. Desentranhavam sob dores atrozes um pedaço de si mesmas, para dá-lo a desconhecidos, cuja caridade se media na razão direta do medo e da cobiça. Difícil o benfeitor, igual ao padre que criou o filho de Dadá, e que, realmente, queria servir o foragido pelo amor de Deus. A maioria, apenas, desejava a grossa soma que o cangaceiro pagava o temia-se da ponta acerada do punhal de metro e meio.

Fosse como fosse, entretanto, do que falo aqui é da dor dessa maternidade heróica e miserável, que para contiunuar amando, servindo e

morrendo com o seu homem, desfazia-se dos filhos enxugando as lágrimas, durante meses, na casca dura dos juazeiros paternais. Sem mãe, sem irmãos, sem pai, sem família, renegada por todos, assumiam um caráter de indomável coragem, mesmo as que, sem vocação aventureira, entregavam-se apenas aos afazeres domésticos do grupo. E as havia, sim. Inúmeras foram as que, rentes aos terens do bando, limitavam-se a cozinhar e amar os seus homens. Mas havia outras, iguais a Dadá e Maria Bonita, Inacinha e Moça, que, de revólver e fuzil na mão, enfrentavam, gritando nomes feios, os "macacos" do governos. E não raro as que, no aceso dos combates, tombavam gemendo, para não mais se erguer. Assim Enedina, Mariquinha, Neném, nomes esquecidos da mais triste das canções do Brasil.

A compensação única dessa vida áspera, era a noite de luar, nos ranchos, quando as persigas abrandavam. No sertão fechado do Carriel ou nas bordas saharianas do Raso da Catarina, arranchavam-se os grupos, formando acampamento. Ouvia-se o harmônico, o reco-reco, a viola e o cavaquinho. A lua enorme, muito pura e fria, lá do alto espiava o caatingal festivo, onde os homens e as mulheres do cangaço, dançavam e cantavam os seus poemas de amor e de guerra, esquecidos de que faziam a História e estavam condenados à morte. E entre uma e outra versalhada de autor desconhecido, vinha "Mulher Rendeira", o hino de marcha e luta, desafio e coragem, insulto e valentia, a "Marselhesa" dos carrascais sertanejos do nordeste, que Lampião compusera num instante de inspiração genial, olhando, quem sabe? -Maria Bonita enfeitar-se. E dançavam bem agarrados, os pés nas alpargatas rudes, levantando poeira cinzenta do sertão. Os corpos sujos, que o suor, a brilhantina e as essências baratas tornavam capróticos, mexiam-se no ritmo, até que um deles, mais sensual e excitado, arrastasse a companheira para o matagal, cevando-se primitiva e humanamente no imenso e irresistível desejo natural.

Ao esmaecer o fogo e a lua cair por trás dos serrotes, iam esses festeiros da morte dormir. Enrodilhavam-se uns sobre os outros, homens e mulheres, fantasmas da mais trágica, angustiante, dolorosa e derradeira canção de amor e de sangue da História brasileira.

***Prof. Ms. do Departamento de História da UFPE**

